

O SUJEITO E A TOXICOMANIA *

Véra Motta

I - COMENTÁRIO A RESPEITO DO ARTIGO DE FRANCISCO-HUGO FREDA, “EXISTEM TOXICÔMANOS”.

a) Em primeiro lugar, Freda estabelece a especificidade do campo das toxicomanias: existe alguém que se nomeia enquanto tal e busca a cura, o tratamento.

b) Em segundo lugar, estabelece-se o ponto em que ancora, por assim dizer, o sujeito no objeto específico “droga”: um certo lugar que tem o produto na sua subjetividade e que lhe faz enigma, lhe interroga.

c) Esse lugar que a droga ocupa tem, para o toxicômano, a dimensão de um certo “saber”: o toxicômano detém as informações sobre o uso, efeitos, virtualidades e potencialidades da droga, “ensinando” ao analista aquilo que supõe ser desconhecido do outro.

d) Em Freud, inúmeras são as referências à posição que os tóxicos ocupam na vida do sujeito. Entre essas referências, cabe lembrar o artigo “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do amor II) (1912)”, em que o autor, ao examinar as restrições impostas ao objeto, na esfera do amor, contrapõe, à perda de importância do objeto sexual para o amante, a manutenção da relação entre o bebedor e a bebida. “Para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor”(p. 170) . Em outros termos, o que Freud afirma é que a relação dos alcoolistas com sua bebida é a mais harmoniosa possível, “um modelo de casamento feliz” (p. 171).

e) Em Lacan, as referências tomadas por Freda incluem as conferências de 1966 e de 1975. Na primeira conferência, Lacan atribui ao avanço científico e aos objetos que ela produz, na civilização, a maioria dos quais sem utilidade para o homem, a responsabilidade de produção do objeto “droga” no mundo moderno. Na segunda conferência, faz destacar a

afirmação segundo a qual a droga permite ao toxicômano romper o “casamento com o pequeno pipi”.

f) Esta afirmação pode ser amplamente entendida, mas o que nos interessa aqui é destacar o que esta frase tem a ver com a de Freud. Em Freud, a bebida permitia ao bebedor unir-se em matrimônio feliz, de tal forma que nada parece perturbar a união : bebedor e bebida são aqui inseparáveis. Em Lacan, a droga, ao invés de unir, separa, mas a separação que a droga faz é, por sua vez, entre o toxicômano e o seu “pipi”, ou seja, entre o sujeito e aquela parte do seu corpo da qual ele extrai enorme satisfação. Separar-se do pipi pode representar, para o sujeito, o encontro com o outro sexo, ou, no caso do toxicômano, o encontro com um produto. Desse modo é que se presentifica no toxicômano um certo apartamento do encontro sexual, e não é incomum aparecer, no discurso de um cocainômano, por exemplo, a partilha do produto, entre companheiros de droga, mas... nenhum sexo.

g) Em relação ao Outro, essa ordem da linguagem à qual estamos todos, neuróticos ou não, submetidos, o toxicômano parece querer se furtar, recusando uma certa assunção da Lei. Nesse sentido, sua operação tem foros de singularidade, na medida em que pretende encontrar, sozinho, sua forma de gozar. Mas, ao mesmo tempo em que se submete às ofertas de novos produtos que a dita civilização cria, ele sucumbe, de certa forma, aos ditames dessa ordem – consumir o que se produz. Com isso, sua forma de recusa ao coletivo, de gozar como qualquer um, parece contrariar-se, e ele emerge numa pretensa particularidade – os toxicômanos, um coletivo.

h) Há, contudo, no toxicômano, um dito do Outro que ele presentifica : ele diz “eu sou toxicômano”, “eu sou alcoólatra”, “eu sou viciado” etc. Esse é o lugar que ele tem para esse Outro, e é nesse lugar que ele parece aprisionado. Para Freud, essa nomeação aponta para a função que o pai ocupa na subjetividade do toxicômano. Trata-se, não do pai enquanto pai genético ou tutor, mas o pai enquanto função simbólica, aquele que introduz o sujeito no que Freud designou de “Castração simbólica”, reconhecendo aí o movimento de separação do filho do Desejo da Mãe e por ela simbolizado, e situando o sujeito no domínio dos sexos.

II - COMENTÁRIO A RESPEITO DE DOIS CASOS CLÍNICOS:

a) S., 32 anos, filho mais velho de uma prole de 4, sendo o mais novo um sindrômico de Down, de 23 anos. Pai advogado, mãe doméstica. S. iniciou estudos em Psicologia e Comunicação, e no primeiro percurso de Faculdade apresentou o que podemos considerar, na clínica, como um breve “surto”. A uma avaliação escrita de certa Disciplina de caráter fisiológico, irrompe nele uma idéia que o faz responder às questões de forma desencontrada, aparentemente, mas que revelava a angústia sobre o sexo. Isso o fez, praticamente, ser expulso da Faculdade, sendo em seguida sustado o processo por alegações de defesa que desconhecemos, mas que reputamos de ordem psicológica, ou psiquiátrica. Vem ao Centro com a queixa de ser a Marijuana um problema em sua vida, e pede que nós o consideremos objeto de estudo no Centro, o que aponta para uma estrutura de base psicótica: servir ao Outro em seus desígnios. Naturalmente que essa proposição não encontra eco no Centro, e em nós a tarefa é conduzi-lo às vias da transferência, ou seja, daquela relação amorosa descrita por Freud, em que o paciente se vê impelido em seu amor pelo analista, relação que só se cumpre, na experiência analítica, no simbólico. S. comparece com frequência, e a cada vez traz um texto, escrito, que me apresenta para que eu o leia. A direção que imprimo é de fazê-lo ler o seu próprio texto, e com isso a leitura vai se enriquecendo dos seus próprios comentários, e das possíveis associações. Chama-me atenção o fato de ele particularizar o produto : é “cânhamo”, “linho”, “Marijuana”, escrito em maiúsculas, além de outras designações. Ao chamar atenção sobre esta designação última, que lhe confere o caráter de nome próprio, S. estranha, a princípio. Em seguida, outra observação minha se associa a esta: o fato de ser tratada sempre no feminino, a droga exerce para ele uma certa função, de aproximá-lo do feminino. Esta segunda observação o espanta. Por último, a revelação de um certo trauma infantil, na separação que faz de sua mãe, aos dez anos de idade, quando ela tem o filho débil, parece atordoá-lo. Reconhece de cara a importância deste evento e as conseqüências sobre sua subjetividade a partir daí. Logo se inicia na droga, e se vê preso de uma certa determinação: ser bem sucedido para o pai, que lhe queria ver doutor em medicina ou engenheiro. Por último, a constatação do lugar que a droga ocupa em sua subjetividade : aponta para a Mãe, da qual ele ainda não se separou, ou seja, aponta para o Pai simbólico, função que não se completou nele, todavia. O irmão débil realiza para ele a fantasia de ser, eternamente, dependente da mãe. A droga e

a Mãe, eis o que ele encontra, nesse percurso. Um outro aspecto do caso que nos interessa mencionar aqui é o da identificação a um certo dito: “eu sou viciado”, com que ele se apresenta de início. Essa certeza inicial viu-se confrontada, na prática, pela leitura de uma entrevista feita pelo jornal da Universidade Federal da Bahia ao Dr. Nery, em que se fala dos riscos reais do abuso do álcool e de outras drogas pesadas, aliviando-se, pelo tratamento que lhe dá o jornalista na matéria, o peso relativo da maconha. Essas afirmações, que nosso paciente reputa serem do próprio Dr. Nery, parecem desestabilizar sua certeza a respeito desse enunciado a que ele se prende. Como o seu circuito subjetivo passa pelo significante – ler e escrever – é com esse dispositivo que ele se apresenta. Escreve o que lê nas sessões, e sua certeza, pouco a pouco, vai se desfazendo, até se encontrar com sua questão: a questão do seu ser, que se petrifica na droga enquanto “mediador” – eis a palavra que lhe ofereço, numa interpretação. Essa mediação se faz, com o recurso da droga, entre ele e a família, entre ele e o corpo social – ele é um drogado, e por isso não realiza o que os demais fazem. À medida que prossegue seu trabalho, irá desinvestir, paulatinamente, a droga de significações, a ponto de esvaziá-la em suas determinações significantes: não mais é a droga que o colocou fora do cricuito dos demais, fora da profissão, fora da família. Agora, a droga perde de importância e o que assume prioridade é o seu ser: o que fazer, perdido nesse enunciado, que só lhe faz pertencer a um “grupo de drogados”? Seu sentimento de inclusão se faz por meio de uma identificação com os demais excluídos. Inquire sobre o sexo, sobre as mulheres, sobre os filhos que não teve (suas mulheres abortaram inúmeras vezes), sobre o ser que lhe escapa.

b) I., 21 anos, se apresenta com a noiva, solicitando internamento, em razão de sua adição à cocaína, Rohypnol e maconha, desde os 17 anos. Encontra-se em abstinência por uma semana quando se apresenta no Centro, e se queixa de ansiedade e inquietação, principalmente à noite, quando ronda a casa à procura da droga. Foi encaminhado para a Psiquiatria, em razão dos distúrbios de sono, sendo-lhe aplicada uma conduta pontual (Lexpiride) e retirando-se a medicação em prazo curto. Na entrevista inicial, nosso paciente refere episódio recente de alucinação, com visões e escuta de vozes, com sentimento de perseguição pela polícia, durante quatro dias de abstinência das drogas, tal como lhe foi relatado pela noiva (provavelmente provocado pelo uso do tóxico). Sua história familiar cedo desponta : não conheceu a mãe, segundo ele, pois o pai e a mãe

separaram-se quando ele contava pouca idade. A mãe o deixou com os avós maternos, indo para S.Paulo à procura de trabalho, levando consigo os filhos menores. Nesse ínterim, o pai vai até à cidadezinha, retira o garoto dos avós e o leva consigo, ficando o nosso paciente até hoje em companhia do pai, 54 anos. Refere problemas conjugais na separação dos pais, e possível adultério da parte da mãe. Seu tratamento marca-se inicialmente pelo signo da determinação, mas uma determinação mais da vontade que propriamente significante : “largar tudo que me faz mal”. Com isso, inclui qualquer droga, da cocaína, passando pelo Rohypnol, maconha, álcool e até tabaco. Os efeitos desta imposição pela vontade cedo se fazem sentir. Nas primeiras entrevistas refere a existência de uma mulher de seu pai, agora separada dele, cujos filhos ele não somente rejeita, como deles se queixa, como vítima de “abuso sexual”. Sobre estes fatos, fica reticente, mas relata que, aos 6 anos de idade, um desses garotos, mais velho que ele, “abusava” dele. Nega qualquer experiência de prazer neste contato, dizendo ter sido uma “curiosidade” o que aproximou ele do filho da madrasta. Considera este evento traumático em sua experiência, principalmente quando esta se repetiu, em razão das chantagens que o outro lhe fazia, de denunciá-lo ao pai, caso ele não concordasse com novos encontros. Sobre essa mulher, diz que seu pai e ela se separaram, em razão dos filhos dela, mas que a tem como uma verdadeira mãe. Culpa os filhos da madrasta pelo fato de ele usar a droga, embora reconheça que eles dela não fazem uso. Ao se implicar no tratamento, reconhece que a questão deve ser vista apenas nele e não no outro, como responsável. Essa noiva, ele a quer como uma “mãe”, e não é a primeira experiência sexual com as mulheres. Em ocasiões anteriores, teve um relacionamento breve com uma outra, que engravidou dele, abortou e não lhe comunicou sequer a gravidez, nem o aborto, somente depois, o que o levou ao rompimento. Fala de sua ex-galera, a turma da droga, com um certo sentimento de nostalgia: eram garotos e garotas de bairro de classe média, ao passo que o bairro onde vive tem características mais proletárias. Neste grupo, define, rolava sexo, mas jamais entre parceiros do mesmo sexo, o que aponta para o sentimento de indignidade que resultou da experiência infantil, e da qual parece querer se livrar a todo custo. A sua determinação de “parar a droga” é acompanhada de uma outra determinação, que vem ilustrar nossa interpretação da frase laciana de “romper o casamento com o pequeno pipi”: chegar ao casamento com a noiva, que não aceita droga, ser “mais viril”, o que só consegue depois da parada. Ele pondera sobre esta

questão, assinalando a perda de potência e a falta de libido nas experiências sexuais com a noiva, e afirma que o “sexo está fora da droga”. Sobre a mãe, ao retomar o tema, diz que “não havia vaga para mim” entre aqueles que sua mãe privilegiou levar consigo. Assinalo que esta versão é uma versão magoada da estória familiar, e que é necessário revê-la, o que ele considera difícil. Refere a necessidade de ir ao interior para buscar papéis para o casamento, e me pergunta sobre a possibilidade de ir até os avós, entrar em contacto com a família da mãe. O próximo encontro o traz satisfeito, e até mesmo feliz. Seu encontro com os avós foi comovente, e, pela primeira vez, sentiu-se querido pela família da mãe. Surpreendeu-se com a familiaridade de todos à sua volta, pois jamais havia sido esquecido, quer pela mãe, quer pelos seus parentes. Como efeito deste encontro, redige uma carta para a mãe convidando-a para o seu casamento, promete aos avós retornar em breve, o que faz logo em seguida, e constrói a seguinte frase: “mudei o curso da estória”. Ora, este encontro com o inesperado, em que o ser não mais se prende à droga, ao tempo em que provoca um certo júbilo no sujeito, faz irromper a angústia. É o Carnaval, diz ele, é a descoberta, digo eu. O Carnaval é a experiência em que ele se põe à prova – “peguei na droga e não me droguei”, o que me faz pensar na experiência infantil, em que ele diz ter pegado no pênis do garoto, acariciado, mas não sentiu prazer. Estas experiências aí se correlacionam, significativamente. Sua negação vem acompanhada de uma certa reação terapêutica negativa: diz que agora seu barato é o sexo, mas isso não parece conduzi-lo quer a uma pacificação, quer à certeza que antes encontrava na droga. Relembra ainda a acusação de ser “um viado”, do tempo em que não praticava sexo. Sua primeira parceira sexual foi também uma parceira das drogas, de quem se queixa por sua passividade, acabando por encontrar nas mulheres fortes, como sua noiva, um conforto. A última sessão o trouxe com enorme angústia e desejoso de retornar às drogas, ao menos à maconha, e é com esse pedido que ele vem até mim: sem autorização, quer para parar, quer para se drogar, o que ele encontra é um vazio, que ele nomeia todo o tempo na sessão. Reconduzir

a descoberta, eis o caminho que aponta o tratamento.

* Texto apresentado no Projeto Axé, no Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas – CETAD, em aula de março de 1995.